

**Escrita e identidade em Americanah de Chimamanda Ngozi Adichie****Writing and identity in Americanah by Chimamanda Ngozi Adichie****Gabriela de Souza Pinto**

**RESUMO:** O presente artigo apresenta uma análise da escrita e da identidade de Ifemelu, personagem central do romance *Americanah* de Chimamanda Ngozi Adichie. Em minha análise, proponho pensar o ato de escrita da personagem e, consequentemente, o de Adichie como dialogando diretamente com os elementos de uma tradição literária de mulheres (negras), calcada na ideia de que a escrita pode ser uma forma de elaboração e construção de uma identidade própria anteriormente negada às mulheres. Meu argumento é que a escrita permite às mulheres o desenvolvimento ou a recuperação de uma voz previamente silenciada, bem como a construção de novos espaços para que essa voz reverbere em ação e subjetividade.

**Palavras-chave:** Crítica feminista. Identidade. Chimamanda Adichie. *Americanah*.

**ABSTRACT:** This paper presents an analysis of the writing and identity of Ifemelu, central character in the novel *Americanah* by Chimamanda Ngozi Adichie. In my analysis, I intend to discuss the character's act of writing and, consequently, Adichie's writing as dialoguing directly with a (Black) female literary tradition, built on the premise that writing can be a way to elaborate and to build a sense of identity, previously denied to women. Thus, it is my argument that writing enables women to develop or recover a formerly silenced voice, as well as to build new spaces in which this voice can reverberate into action and subjectivity.

**Keywords:** Feminist criticism. Identity. Chimamanda Adichie. *Americanah*.

## Introdução

A possibilidade de uma tradição literária feminina como espaço de elaboração e discussão da experiência e da subjetividade feminina é uma discussão iniciada no processo de formação e estabelecimento da Crítica Feminista e ainda muito presente em estudos desse campo. Neste artigo, pretendo discutir a possibilidade de inserção da escritora Chimamanda Ngozi Adichie em uma tradição literária da escrita de mulheres e pensar, a partir da personagem principal do romance *Americanah*, Ifemelu (que também é escritora) a possibilidade de construção identitária feminina a partir da escrita.

Para atingir esse objetivo, me proponho a pensar brevemente na história da Literatura, da Teoria e da Crítica Literária que, por muitos séculos foram excludentes em relação a grupos minoritários e, consequentemente, às mulheres. De fato, por muitos anos, as mulheres só puderam ocupar na literatura o lugar de personagens produzidas

por homens e para homens. Como consequência desse processo de exclusão e silenciamento, as mulheres começam a escrever de forma atrelada a um processo de luta por sua autodescoberta como artistas, buscando precursoras que pudessem validar seus processos de escrita. Assim, Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000) sugerem a existência de uma possível tradição literária de mulheres escritoras, uma espécie de 'subcultura' feminina, baseada na irmandade e permeada por imagens e características que respondem a situações de confinamento (literais e metafóricas) imposto às mulheres escritoras.

Mary Eagleton (1996) também reflete sobre a possibilidade dessa tradição e de que ela pudesse ser representativa da experiência e da visão das mulheres sobre o mundo.

Para Elaine Showalter (2009), uma das grandes teóricas que preconizam a existência de uma tradição literária de mulheres, esse conjunto de textos de mulheres escritoras revelaria como o autoconhecimento feminino, com suas mudanças e seu potencial, teria se traduzido em uma forma literária específica.

Apesar de essas pioneiras da Crítica Literária trazerem a ideia de descoberta da experiência feminina por meio da escrita e de uma multiplicidade de vozes a serem descobertas na literatura escrita por mulheres, o que se percebeu, posteriormente, é que essas vozes eram majoritariamente de mulheres brancas, de classe média, heterossexuais e inglesas ou americanas. Considerando, portanto, o contexto e o formato em que as primeiras definições de uma tradição literária feminina foram elaboradas, é importante levantar algumas perguntas: quem pertence e pode pertencer a essa tradição de busca identitária? Poderia Adichie, como uma escritora negra e Africana, ou mesmo a personagem Ifemelu se inserir nessas definições? Se sim, quais seriam as possibilidades dessa inserção? Essas são algumas das questões sobre as quais esse artigo se propõe a refletir nas próximas seções.

### **A possibilidade de uma tradição literária de mulheres negras**

bell hooks (2015) é uma das muitas teóricas que faz uma crítica à exclusão das mulheres negras na Crítica Feminista. Para a escritora, os textos seminais do movimento, como *The feminine mystique* de Betty Friedman, revelam uma perspectiva unidimensional da experiência feminina, branca e de classes sociais privilegiadas, que

ignora a realidade de diversas mulheres (pobres, trabalhadoras e negras, por exemplo) e não reflete sobre os próprios preconceitos de raça e de classe. Assim, a autora alega que as necessidades e as demandas dessas mulheres não são contempladas e a relação intrínseca entre gênero, classe e raça (fundamental para a compreensão da experiência e da realidade das mulheres negras) acaba por ser apagada no debate. Para ela, as mulheres brancas no centro desse movimento têm pouca compreensão sobre sua própria condição política em uma sociedade racista e capitalista.

Alice Walker (2011) é outra autora conhecida que critica a invisibilidade das mulheres negras na Teoria feminista Ocidental. Para exemplificar, Walker (2011) cita o famoso trabalho de Virginia Woolf (1929), *A room of one's own*, no qual a escritora descreve o problema de uma mulher nascida com um grande dom não realizado no século XIV. Para Walker (2011), esse problema permaneceu sendo uma realidade para as mulheres negras até o século XVIII, que não possuíam possibilidade de realizar seus talentos, especialmente aquelas que eram escravizadas, fisicamente punidas e psicologicamente torturadas pela submissão de seus corpos a seus “proprietários”.

Outro ponto levantado por Walker (2011) como evidência da visão excluente do feminismo branco Ocidental é a ausência de mulheres negras dos currículos e das antologias literárias. Grada Kilomba (2010) também chama atenção para o fato de que o silêncio das mulheres negras é uma realidade em centros acadêmicos nos quais indivíduos negros têm se tornado objeto de estudo, mas raramente têm a possibilidade de se tornarem sujeitos. Para ela, embora o conhecimento acadêmico seja descrito como neutro, ainda é inherentemente branco e, consequentemente, pode ser um espaço de violência e silenciamento. Ela explica que a perspectiva negra sobre o conhecimento é frequentemente vista como desviante ou não científica, validando hierarquicamente o conhecimento branco como norma e reproduzindo as relações raciais de poder que definem os conceitos de verdade e credibilidade.

Nesse ínterim, Grada Kilomba (2010) acredita que as mulheres negras têm ocupado uma posição complexa dentro da teoria, uma espécie de “terceiro espaço”<sup>1</sup> (Mirza *apud* Kilomba, 2010, p. 56) que as invisibiliza nos discursos acadêmicos, deixando as presas em algum lugar entre o discurso feminista ocidental (e a identificação de mulheres com branquitude) e as políticas raciais (e a identificação de

<sup>1</sup> Todas as traduções de citações diretas presentes no texto foram realizadas pela autora, diretamente do original em inglês.

pessoas negras com homens). Assim, suas realidades seguem sem uma representação apropriada que requer, para Kilomba (2010), a compreensão de gênero e raça como formas de opressão inseparáveis e interseccionais.

Diante desse apagamento, as mulheres escritoras negras também começaram a busca por encontrar e/ou fundar uma tradição literária própria que iluminasse a diversidade de sua realidade e trouxesse suas perspectivas e experiências para o centro da narrativa. Como colocado por Kilomba (2010), a escrita, nesse cenário, é um rito de passagem da objetificação à subjetivação, um ato político, por meio do qual se torna possível reinventar o próprio eu e nomear a própria realidade nos seus termos.

Assim, se inicia a busca por uma tradição exclusiva de mulheres negras. No entanto, Eagleton (1996) acredita que o estabelecimento dessa tradição também pode ser problemático e excludente se pensarmos em outras questões identitárias como, por exemplo, a sexualidade e classe, bem como outras formas de diferença que podem ser determinantes na experiência e na escrita de uma mulher. Para evitar essa armadilha, Chris Weedon (1987 *apud* Eagleton, 1996) sugere considerar uma tradição literária feminina negra como uma categoria política e crítica em relação tanto ao gênero quanto à raça. Mary Jacobus (*apud* Eagleton 1996), por sua vez, sugere pensar a tradição literária como uma espécie de intertextualidade, que define, ao invés de uma linha de sucessão de escritores, a possibilidade de relação entre uma série de textos que apresentam temas ou estratégias em comum e que têm, por princípio, a crítica ao racismo, ao patriarcado e a outras possíveis estruturas opressoras.

Dessa forma, ao usarmos o termo “tradição literária” neste artigo, não estaremos descrevendo uma linha de sucessão de escritoras, mas, sim, estaremos nos referindo a uma série de textos que questionam racismo, sexism, e/ou colonialismo, e que compartilha uma espécie de intertextualidade: os temas e estratégias comuns que esses escritos apresentam e a possibilidade de diálogo entre essas obras. Ao falarmos de tradição literária feminina (negra), portanto, estaremos pensando nas temáticas em comum aqui abordadas entre a escrita de mulheres como um todo nas temáticas em que elas se aproximam (ou seja a busca por uma voz, individual e coletiva e a elaboração de uma identidade por meio da escrita), bem como de questões mais específicas das mulheres negras (como, por exemplo, a instauração de novos meios de teoriza/ficcionalizar que discutiremos na análise a seguir.)

## A escrita de Ifemelu e de Adichie

A partir desse contexto, pretendo pensar a escrita de Ifemelu, e consequentemente de Adichie, para compreender como ela dialoga com a tradição de mulheres (negras) escritoras em suas características, estratégias e propósitos e como ela está conectada a construção identitária da personagem na narrativa. A perspectiva dessa análise é a de compreender o processo de escrita de Ifemelu, bem como o de Chimamanda Adichie, e suas implicações

Patricia Hill Collins (2002) explica que, histórica e socialmente, existe uma diferença na forma como indivíduos negros e brancos se relacionam com o trabalho. Para esta escritora, para os brancos/sujeitos, o trabalho é uma área de busca por satisfação e pelo desenvolvimento de uma identidade; para os negros/objetificados, o trabalho é uma necessidade, um meio de sobrevivência desconectado da ideia de construção identitária. Assim sendo, no caso de Ifemelu, já é possível perceber um processo de subjetivação em sua relação com o trabalho, a partir da perspectiva de Collins (2002). Ao se mudar para os Estados Unidos e se encontrar em uma posição de total objetificação (como uma estrangeira, negra, proveniente de um país africano e com muitas dificuldades financeiras), Ifemelu está disposta a fazer qualquer tipo de trabalho para sobreviver, mesmo aqueles que custam sua saúde mental. À medida que a narrativa se desenvolve e que sua situação financeira se torna mais favorável, um processo de subjetivação se inicia e a personagem passa a se dedicar cada vez mais a encontrar satisfação em seu trabalho. Essa é, na verdade, a razão pela qual ela decide começar a escrever seu primeiro blog e, mais tarde, decide abandonar seu trabalho em uma revista na Nigéria para escrever seu segundo blog. Podemos perceber, portanto, que a escrita, para Ifemelu, é muito mais do que uma forma de ganhar dinheiro, constituindo um meio de buscar satisfação e realização pessoal.

Trinh T. Minh-ha (1989) nos explica que, para as mulheres, o processo da escrita está intrinsecamente conectado a um questionamento não só de sua produção, mas de sua identidade. Na escrita de Ifemelu na narrativa, o elemento identitário aparece de forma clara nos temas dos dois blogs aos quais se dedica ao longo da narrativa de *Americanah*. O primeiro deles, chamado '*Raceteenth or Various Observations About American Blacks (Those Formerly Known as Negroes) by a Non-American*' é escrito durante a estadia de Ifemelu nos Estados Unidos (país no qual ela alega ter se descoberto como

negra) e tem como tema principal a questão racial. O segundo blog, intitulado *The Small Redemptions of Lagos*, é escrito no retorno da personagem à Nigéria e aborda uma variedade de temas relacionados à vida em seu velho/novo lar, a cidade de Lagos. Nesse artigo, irei me ater à análise do primeiro blog, por apresentar maior número de posts no romance, mas falarei brevemente do segundo blog em alguns momentos.

Assim, nos posts do primeiro blog que aparecem no livro, Ifemelu trata de assuntos importantes sobre a própria experiência. A linguagem utilizada é direta e ousada, dando ao leitor a impressão de que a escritora é muito confiante. Nas passagens em que ela reflete sobre a própria escrita, no entanto, é possível perceber a presença de uma ‘ansiedade da autoria’ como definida por Gilbert e Gubar (2000): “um medo radical que ela não consiga criar” (Gilbert; Gubar, 2000, p. 49) e de que o ato da escrita a isole ou a destrua. Essa ansiedade se revela em diversos trechos da narrativa.

Primeiramente, aparece quando ela faz sua primeira publicação e, ao perceber que nove pessoas haviam lido seu texto, ela decide deletá-lo. Além disso, é possível notar também a crença na esterilidade literária feminina, como pontuada por Gilbert e Gubar (2000), como resultado de sentimentos de inferioridade, inadequação e descrença em si mesma que são parte da socialização das mulheres. Esse sentimento também é perceptível quando Ifemelu confessa que alguns leitores a deixavam nervosa e com vontade de impressionar e que, muitas vezes, ela não acreditava em si mesma quando escrevia, afirmando que “quanto mais ela escrevia, menos certezas tinha. Cada postagem retirava uma camada a mais de seu eu, até que ela se sentia nua e falsa” (Adichie, 2013, p. 6).

Mesmo quando o blog se torna bem sucedido e Ifemelu começa a dar entrevistas por telefone, a narrativa mostra que ela está sempre apreensiva, com medo de que a pessoa do outro lado da linha a descobrisse e a revelasse como uma fraude. Isso pode ser percebido na citação:

Para receber ligações, ela usava o par mais sério de calças, o tom mais neutro de batom, e ela falava sentada ereta em sua escrivaninha, pernas cruzadas, a voz comedida e segura. Ainda assim, uma parte dela estava sempre apreensiva, esperando que a pessoa do outro lado da linha percebesse que ela estava fingindo ser essa profissional, essa negociadora de termos; que a pessoa pudesse ver que ela era, de fato, uma desempregada que usava uma camisola amassada o dia todo, chamá-la de ‘fraude!’ e desligar. (Adichie, 2013, p. 376)

Outro aspecto a ser analisado na escrita de Ifemelu é como, mesmo no século XXI, a personagem ainda se esconde por trás da anonimidade do blog como muitas das escritoras precursoras dos séculos XVIII e XIX. Ao ser identificada como simplesmente 'The Blogger', ela pode expressar suas opiniões livremente. Porém, como pontuado por Showalter (2009), se desligar de uma identificação como escritora, faz com que a relação com a profissão seja perpassada por uma inquietação e pelo medo descrito acima de ser desmascarada. Em dado momento da narrativa, a personagem afirma que

sempre identificada simplesmente como The Blogger, ela se sentia incorporada pelo seu blog. Ela tinha se tornado seu blog. Havia momentos, deitada acordada à noite, quando seus crescentes desconfortos emergiam de suas fendas, e os muitos leitores do blog se tornavam, em sua mente, uma multidão raivosa e crítica esperando por ela, esperando pacientemente até que eles pudessem atacá-la, desmascará-la (Adichie, 2013, p. 379).

Nessa citação, podemos perceber como a personagem, extremamente ligada ao blog, mas separada de sua identidade para além da escrita, não se sente confortável e acredita estar dominada por essa outra persona.

Outro aspecto na escrita de Ifemelu que apresenta relação com a problemática das primeiras mulheres escritoras é o aspecto do conflito entre as relações pessoais e a integridade estética. Para Showalter (2009), essa foi uma séria questão enfrentada pelas escritoras da Era Vitoriana que não podiam escrever sobre o que desejassem sem levar em conta a opinião de seus entes queridos, muitas vezes tendo que se isolar socialmente em prol do ato da escrita. A exposição das questões de familiares ou amigos mesmo que completamente transformados pelo processo de ficcionalização sempre foi motivo de preocupação para as mulheres; ao passo que, para os homens, essa exposição é considerada um rito de passagem para a vida artística e um símbolo de sua verdadeira dedicação à sua arte e à sua profissão. Essa pode ser uma das razões pelas quais Ifemelu prefere não se identificar, uma vez que seu blog expõe uma série de situações vivenciadas no dia-a-dia, variando de anedotas sobre pessoas que ela conhece casualmente até histórias mais íntimas sobre amigos ou parceiros românticos. Apesar de estar séculos a frente da problemática dos pseudônimos masculinos como proteção de críticas, ela decide escrever anonimamente para evitar as possíveis repercussões de sua escrita que ela sabe ser controversa.

Essa preocupação fica mais visível em um episódio com sua amiga de longa data, Ranyinudo. Ao voltar para a Nigéria e iniciar a escrita de seu segundo blog, Ifemelu

parece mais confiante com sua escrita, abandonando seu trabalho para se dedicar ao blog de forma exclusiva e deixando de lado a anonimidade. Quando Ifemelu escreve um texto sobre o estilo de vida caro de algumas mulheres na Nigéria e sua dependência econômica em relação aos homens, Ranyinudo toma o post como uma ofensa pessoal e tem uma séria discussão com Ifemelu sobre ela ter traído sua amizade e exposto sua vida publicamente. Mesmo explicando à amiga que o post não é sobre ela, mas sobre uma situação extremamente comum para mulheres nigerianas, Ranyinudo a acusa de ser crítica e julgar suas ações quando, na verdade, Ifemelu teria feito algo semelhante ao tirar vantagens de um namorado rico que teve nos Estados Unidos. Dada a situação, Ifemelu decide excluir o post para preservar sua amizade e percebe, no processo, que ela não irá conseguir escrever seu segundo blog com a liberdade que a anonimidade do primeiro lhe conferia.

Apesar dos conflitos apresentados pela personagem em relação a escrita, os blogs perpassam a narrativa, aparecendo em forma de posts na íntegra ao longo do romance, e são, na minha leitura, um espaço que permite maior reflexão sobre eventos relatados no romance, trazendo temas importantes como a questão do racismo nos EUA.

A própria Chimamanda Adichie (2019) define o blog como um espaço narrativo para subverter certas expectativas literárias, uma forma de ser mais direta e honesta sobre a questão racial e seus efeitos na vida das pessoas. Adichie (2014a) também explica como ela fez uso do blog porque queria que seu romance trouxesse um tipo de comentário social que não é comum na escrita literária. Para a romancista, o blog permitiu que Ifemelu adquirisse uma nova voz e um novo eu na narrativa. Para além disso, defende que os blogs funcionam como uma espécie de teorizar feminista negro que contribui para que Ifemelu compreenda e elabore o contexto social no qual está inserida, consequentemente, elaborando a nova voz e a nova identidade explicadas pela criadora da personagem.

Para explicar esse argumento, é necessário compreendermos a definição de Patricia Hill Collins (2002) de “pensamento feminista negro”. Para a autora, essa expressão descreve uma crítica social com uma epistemologia própria que, como toda epistemologia, reflete os interesses de seus criadores. Esse pensamento seria uma resposta à exclusão das mulheres negras da construção do conhecimento como o conhecemos, trazendo uma forma alternativa de criar e validar o conhecimento, em oposição às maneiras e interpretações previamente colocadas. Assim, o ponto de vista

das mulheres negras aparece como uma base material para uma epistemologia feminista negra, marcada pela união de emoção e intelecto e, ao contrário de uma visão positivista, não há separação entre lógica e sentimentos; distanciamento do sujeito em relação ao objeto de estudo; nem a invisibilidade da personalidade do sujeito da pesquisa, uma vez que o conhecimento se constrói a partir da experiência pessoal. Expressão pessoal, emoções e empatia são valiosas partes dessa epistemologia alternativa.

Ainda de acordo com Collins (2002), essa e outras epistemologias alternativas criadas por grupos oprimidos são importantes porque desafiam o conhecimento tradicional, bem como suas formas de produção e as justificativas usadas para legitimá-lo. Ou seja, essas epistemologias alternativas criticam não somente o conhecimento tradicional e a noção de “verdade”, mas suas formas de produção e de legitimação. O objetivo dessa proposta é abandonar a ideia de um ponto de vista neutro e entender todos os pontos de vista enquanto parciais, já que somente a compreensão de inúmeros pontos de vista possibilitaria uma compreensão mais ampla do que chamamos de conhecimento.

Barbara Christian (1988) também sustenta o argumento de que pessoas não brancas têm teorizado de formas diferentes da lógica ocidental. Ele escreve: “nosso teorizar (e eu uso intencionalmente o verbo ao invés do substantivo) está, com frequência, nas formas narrativas, nas histórias que criamos [...] porque ideias dinâmicas nos interessam mais do que as fixas” (Christian, 1988, p. 68). A literatura representa, nesse sentido, um espaço no qual sentimento e conhecimento podem se integrar. Audre Lorde (2007) se alinha ao argumento dessas teóricas ao afirmar que experiências femininas previamente não analisadas podem ser fonte de conhecimento genuíno e, consequentemente, se opor à hierarquização entre lógica/emoção. Ela argumenta que os sentimentos, quando bem processados e analisados, podem ser uma forma de saber.

Carole Boyce Davies (2003) também discute o assunto e fala sobre como as mulheres negras são acusadas pela academia de não teorizarem, simplesmente porque as definições acadêmicas de teoria, pautadas em uma linguagem carregada de referências masculinas europeias, não comportam outras possibilidades de construir o conhecimento. A autora sugere alterar nossa concepção de teoria e defini-la como “modos de inteligibilidade a partir dos quais nós enxergamos e interpretamos o mundo” (Davies, 2003, p. 28). Desse modo, o conceito de teoria passa a circular e ser compreensível pela população como um todo e não apenas por um nicho específico,

ampliando sua audiência e expandindo suas possibilidades. Assim, Davies (2003) também defende que a divisão entre o escritor teórico e o ficcional não é útil para entender as mulheres negras, já que elas tendem a criar ficção e teoria de forma simultânea ou sequencial, no que Davies (2003) chama de “teorizar criativo”.

Kilomba (2010) é outra teórica que compartilha da ideia de que pessoas negras avaliam, questionam e interpretam a realidade de uma forma diferente, mas não menos válida que a de pessoas brancas. Ela corrobora as ideias de Collins (2002) sobre a importância de considerar o pessoal e o subjetivo como partes do discurso acadêmico, considerando que cada indivíduo fala a partir de uma posição no tempo e no espaço, que localiza esse sujeito como parte de uma determinada realidade, historicamente situada. Desconsiderar essa informação é participar da falácia do conhecimento branco postulado como universal/neutro e se recusar a admitir o fato de que não há possibilidade de um discurso neutro.

Considerando os argumentos das teóricas supracitadas, é possível considerar o blog de Ifemelu como um espaço para o “teorizar criativo” defendido por Davies (2003): na escrita de mulheres negras, sentimento e conhecimento, bem como ficção e teoria, trabalham lado a lado com o objetivo de produzir um novo tipo de epistemologia, ampliando as formas anteriores de compreender o que chamamos de teoria e a forma como ela é produzida.

Adichie (2014b) explica como ela planejou que seu romance fosse “um desafio à concepção do romance como um repositório de incertezas” (Adichie, 2014b, informação verbal). A escritora esclarece que, em seu ponto de vista, a raça (um dos principais temas do livro) não pode ser vista como um tópico incerto. Por isso, ela se decidiu pela criação do blog: um espaço dentro da narrativa no qual o leitor pode encontrar uma Ifemelu diferente, dotada de uma outra voz e, consequentemente, expressando um outro eu. Serena Guerracino (2014) e Cláudio Braga (2019) acreditam que o blog é um espaço dentro da narrativa no qual a voz de Adichie aparece de forma mais clara, trazendo questões sociais que a autora geralmente aborda em sua vida pública. É um espaço que se situa dentro e fora da narrativa, ao mesmo tempo, e no qual a voz e a experiência de Adichie se misturam com as de Ifemelu ao discutir questões sociais como: a campanha de Barack Obama para presidente; o papel de Michelle e de seu cabelo na candidatura do marido; a organização “tribal” da sociedade dos EUA; racismo e suas implicações na sociedade estadunidense, entre outras questões sociais e culturais. Enquanto essas

questões são discutidas na narrativa, é possível argumentar que há um encontro entre as experiências/sentimentos/conhecimentos de personagem e autora e, no processo de ficcionalização das mesmas, uma espécie de teorização sobre racismo e seu lugar na estrutura da sociedade estadunidense.

Nos posts intitulados “Understanding America for the Non-American Black” (Compreendendo a América para o negro não Americano) fica claro que, ao contar suas experiências nos Estados Unidos, Ifemelu faz uma avaliação dessa sociedade, explicando como ela funciona e se estrutura, chegando a criar e a reelaborar conceitos para explicar seu funcionamento. “American tribalism” (“tribalismo americano”), the “oppression Olympics” (“Olimpíadas dos oprimidos”) e “race card” (“cartão racial”) são alguns exemplos trazidos nas discussões do blog para fazer essa análise e teorizar sobre o contexto social em que a personagem está inserida. A citação abaixo exemplifica a forma como Ifemelu teoriza sobre a estrutura da sociedade estadunidense e reflete sobre seu funcionamento:

Na América, o tribalismo está bem vivo. Existem quatro tipos – classe, ideologia, religião e raça. Primeiro, classe. Bem fácil. Ricos e pobres. Segundo, ideologia, liberais e conservadores. Eles não discordam apenas em questões políticas, cada lado acredita que o outro é mal. [...]

Terceiro, religião. Norte e Sul. Os dois lados lutaram uma Guerra civil e marcas difíceis da Guerra permanecem. [...] Finalmente, raça. Existe uma hierarquia racial na América. Branco está sempre no topo, espacialmente brancos anglo-saxões protestantes, conhecidos como WASP, e o negro americano está sempre na parte inferior, e o que está no meio depende do tempo e do espaço. (Adichie, 2013, p. 227)

Assim, o blog não traz uma simples opinião, mas um modo de compreender uma realidade, conforme explicitado por Davies (2002).

Além disso, o blog também apresenta uma crítica da mídia social e o tratamento dado na mesma a pessoas negras e Africanas, conforme analisado por Fouad Mami (2017). Em posts como “A Michelle Obama Shout-Out Plus Hair as Race Metaphor” (Adichie, 2013, p. 367), “Why Dark Skinned Black Women – Both American and Non-American – Love Barack Obama” (Adichie, 2013, p. 264) e “Traveling While Black” (Adichie, 2013, p. 410), Adichie/Ifemelu faz uma crítica clara a forma como as mulheres negras são retratadas na mídia – a forma como o cabelo delas é visto como “ruim” e não natural; os estereótipos reservados para as mulheres negras na ficção; e o lugar ao qual

elas são relegadas na sociedade como consequência de uma representação tão pobre. A citação abaixo exemplifica esse tipo de crítica:

Na cultura pop americana, mulheres bonitas de pele escura são invisíveis. [...] Nos filmes, elas podem ser a mãe gorda e legal ou a personagem secundária, forte, ousada e às vezes assustadora, oferecendo suporte. Elas distribuem sabedoria e atitude enquanto a mulher branca encontra amor. Mas elas nunca podem ser a mulher atraente, bonita, desejada e etc. (Adichie, 2013, p. 265-266).

Nesse contexto, Mami (2017) acredita que o blog de Ifemelu aparece como um contraste à mídia tradicional, demonstrando que as mídias sociais podem ser usadas para resistir a essas forças opressoras. A crítica, o questionamento e a rejeição dessas imagens estereotipada das mulheres negras dialogam com a proposta de Collins (2002) de que uma tradição literária de mulheres negras questiona e rejeita as imagens pré-estabelecidas para as mulheres, numa tentativa de redefinir a identidade dessas mulheres de formas mais positivas e diversas.

Além das críticas pontuadas acima, a crítica a noção tradicional de teoria, previamente abordada nesse artigo, também aparece nos posts do blog. Um dos momentos em que essa crítica aparece é quando o narrador nos conta que leitores como “Sapphic Derrida” deixavam Ifemelu nervosa e com vontade de impressionar porque eles usavam estatísticas e palavras difíceis em seus argumentos. Nessa descrição, as características da teoria tradicional pontuadas por Davies (2003) aparecem no uso de dados (teoricamente neutros e objetivos) e de termos complexos, de difícil acesso aos que não pertencem a um determinado campo de estudo. Essas características, bem como a ideia de referências majoritariamente masculinas e europeias, se demonstram também na referência a Derrida, um dos pensadores mais prestigiosos de nossos tempos e também um dos mais complexos de serem compreendidos pelo leitor não situado no meio acadêmico. A presença desse tipo de leitor deixa Ifemelu nervosa para impressionar como se ela tivesse que provar, de alguma forma, que sua forma não acadêmica de discutir a analisar as questões raciais é igualmente válida como forma de construção do conhecimento e compreensão da realidade na qual está inserida.

Ao contrário do tipo de teoria explicitado acima, o blog de Ifemelu se propõe a ser acessível, em seu formato e sua linguagem, a uma maior parte da população e também apresenta um caráter coletivo que possibilita a produção de um conhecimento compartilhado. Guarracino (2014) discute o blog como parte de uma rede na qual o

engajamento individual e coletivo trabalham juntos, já que os leitores funcionam como consumidores e produtores ao mesmo tempo. Para a autora, esse espaço interativo possibilita que o poder (cultural) seja (re)elaborado e compartilhado na sociedade contemporânea.

Elisa de Souza Silva Araújo (2017) também elabora sobre o caráter coletivo do blog. Ela analisa como Ifemelu/The Blogger faz uso constante do pronome “você”, convidando seus leitores a compartilharem suas opiniões e seus testemunhos. Dessa forma, ela argumenta que o blog dá voz não somente às preocupações de Ifemelu como um indivíduo, mas como parte de um grupo mais amplo. Isso nos recorda da afirmação de Collins (2002) de que sua escrita, como a de tantas mulheres negras, é parte de uma luta para retomar não somente sua voz e sua perspectiva, mas a voz coletiva e política de tantas outras que existiram no passado e podem ter sido silenciadas. Para Collins (2002), esse silenciamento tem uma função clara de manter desigualdades sociais ao fazer parecer que o grupo oprimido está resignado e cooperando com os oressores. Por isso, então, a autora defende a importância de retomar essa voz num nível mais amplo do que o individual e pessoal.

No blog, Ifemelu conta suas histórias e faz reflexões sobre a realidade ao seu redor, enquanto os leitores respondem com perguntas, histórias e reflexões. Em um dos posts, chamado “Open Thread: For All the Zipped-Up Negroes”, Ifemelu convida abertamente os leitores negros para se abrirem sobre suas experiências em um espaço seguro. O blog oferece, portanto, a possibilidade de retomada de uma voz coletiva para pessoas negras, um espaço seguro no qual eles podem unir suas histórias e suas vozes para construir uma epistemologia alternativa que, conforme postulado por Araújo (2017), os permitiria (re)conceitualizar os discursos hegemônicos sobre as pessoas negras.

A análise dos posts do blog também demonstra como eles se alinham com o argumento de Davies (2003) de que a escrita de mulheres negras é sempre formada de uma multiplicidade de vozes na qual o sujeito só pode ser encontrado em termos escorregadios, sempre em um movimento para fora dos discursos dominantes. Por meio das estratégias previamente discutidas, o blog de Ifemelu se move para o exterior das formas acadêmicas de teorizar e, consequentemente, produzir discursos e conhecimento. Se entendermos a teoria conforme postulada por Davies (2003) – como um modo de inteligibilidade e interpretação do mundo –, Ifemelu/Adichie, ao

ficcionalizar sua teoria e teorizar sua ficção, contribuem para a criação e manutenção de uma epistemologia que escapa às formas hegemônicas de definição do conhecimento.

Dessa maneira, ao inaugurar o blog como um lugar de produção de conhecimento, Ifemelu também alcança uma nova voz e uma nova consciência de sua própria identidade, elaborando novas formas de pertencimento. Para Araújo (2017), o blog funciona como um espaço no qual Ifemelu se descobre e se identifica com o processo de escrita, simultaneamente escrevendo e encontrando/construindo sua identidade. O blog e o ato de escrever funcionariam, portanto, como as ferramentas que permitem a Ifemelu pertencer aos espaços em que ocupa. É por meio da escrita que ela discute e reelabora suas experiências, procurando seu lugar no mundo e (re)constrói e (re)significa seu eu ao longo da narrativa.

Ao retornar para Lagos, Ifemelu inaugura seu segundo blog *The Small Redemptions of Lagos*. Nesse novo blog, é possível perceber as transformações no senso de identidade de Ifemelu que têm relação direta com a mudança de seu local de moradia e, consequentemente, de escrita. Apesar de ter em comum com o primeiro blog a tentativa de fazer sentido de seu novo lar e de negociar seu pertencimento em um novo espaço, essa segunda escrita é muito mais sobre retomar suas raízes. É na escrita que Ifemelu tenta compreender e criar sentido para o espaço entre a Nigéria que ela recorda e o país que ela agora encontra a partir da perspectiva que construiu nos Estados Unidos. Por meio do blog, ela entende como pertencer novamente na Nigéria e como se (re)descobrir nesse novo espaço.

## Conclusão

Como pode ser observado na análise delineada até aqui é por meio dos blogs e da escrita que Ifemelu atinge a transformação do silêncio em linguagem e, posteriormente, em ação, conforme postulado por Lorde (2007). É na escrita que a personagem começa a dar voz a sua nova vida nos Estados Unidos e aos muitos fenômenos que ela não consegue processar ou compreender por conta própria. Num primeiro momento, o espaço do blog permite que ela elabore sua consciência sobre a sociedade estadunidense e um de seus principais pilares estruturantes – o racismo. Ao elaborar essa consciência no blog, Adichie constrói a identidade da personagem de forma mais clara e a posiciona

no espaço que ela passa a ocupar nesse novo país, constituindo, portanto, uma espécie de lar para Ifemelu no espaço diaspórico.

Para além disso, acredito que a análise aqui desenvolvida me permite argumentar que, enquanto Ifemelu conta suas histórias e encontra sua voz na escrita, ela não apenas encontra um eu na narrativa, mas (re)constrói novas subjetividades ancoradas em suas diversas posições enquanto sujeito: ao passo que ela se move no espaço, os pontos de referência para construção de sua identidade também se movem e ela se move dentro de sua escrita para compreender, negociar e estabelecer novas possibilidades de ser e pertencer. Essas mudanças se tornam claras quando Ifemelu decide escrever seu segundo blog para elaborar seu retorno a Nigéria e encontrar um lugar nesse novo espaço. O que caracteriza, pois, a identidade de Ifemelu é sua multiplicidade, sua habilidade de ser muitas ao mesmo tempo e de experimentar um sentimento de pertencimento independente do lugar físico que ela ocupa, pois a personagem percebe que, a partir da escrita, ela sempre pode recriar um lar para si mesma em qualquer lugar.

Assim, a escrita de Adichie pode ser considerada como um “processo de desfazer a ilusória estabilidade das identidades fixas” (BRAIDOTTI, 1994, p. 15), dialogando com a tradição literária feminina negra no questionamento dos estereótipos bem definidos e inaugurando na personagem e na sua habilidade de escrita novas possibilidades de pensar, teorizar, ser, pertencer e se reinventar enquanto uma mulher negra diaspórica.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. New York: Anchor, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. CHIMAMANDA Ngozi Adichie: identity, feminism and honest conversations. Interview with Sacha Nauta. **The Economist**, 2019. Youtube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=o\\_hsWRVR8\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=o_hsWRVR8_M). Acesso em: 05 Dec. 2020.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. CHIMAMANDA Adichie: Beauty does not solve any problem. Production: Marc-Christoph Wagner. **Louisiana Channel**, Museum of Modern Art, 2014a. Disponível em: <https://channel.louisiana.dk/video/chimamanda-adichie-beauty-does-not-solve-any-problem>. Acesso em: 12 Jan. 2021.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. CHIMAMANDA Ngozi Adichie on hair. **Tenement talks**, Tenement Museum, 2014b. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WWuRA61N8jA>. Acesso em: 12 Jan. 2021.

ARAÚJO, Elisa de Souza Silva. **Traçando histórias, tecendo trajetórias**: a consciência diaspórica em Americanah, de Chimamanda Adichie. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

BRAGA, Cláudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie**: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora. Brasília: Universidade de Brasília, 2019.

CHRISTIAN, B. The race for theory. **Feminist Studies**, v. 14, n. 1, p. 67-79, Spring, 1988.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. 2nd ed. London: Taylor & Francis e-Library, 2002.

DAVIES, Carole Boyce. **Black women, writing and identity**: migrations of the subject. London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2003.

EAGLETON, Mary. **Feminist literary theory**: a reader. Oxford: Blackwell, 1996.

GILBERT, Sandra.; GUBAR, Susan. **The mad woman in the attic**: the woman writer and the nineteenth-century writer. New Haven: Yale University, 2000.

GUARRACINO, S. Writing 'so raw and true': blogging in Chimamanda Ngozi Adichie's Americanah. **Between**, v. IV, n. 8, p. 1-27, Nov. 2014.

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, n. 16, p. 193-210. jan./abr. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 13 Aug. 2018.

KILOMBA, Grada. **Plantation memories**: episodes of everyday racism. 2nd ed. Münster: UnrastVerlag, 2010.

LORDE, Audre. **Sister outsider**: essays and speeches. Berkeley: Crossing, 2007. [E-book]

MAMI, F. De-stereotyping African realities through social media in Chimamanda Ngozi Adichie's Americanah and Belkacem Meghzouchene's Sophia in the white city. **Postcolonial interventions**, v. 2, n. 2, p. 162-197, Jun., 2017.

MINH-HA, Trinh T. **Woman, native, other**: writing postcoloniality and feminism. Bloomington and Indianapolis: Indiana University, 1989.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own**: from Charlotte Brontë to Doris Lessing. London: Virago, 2009.

WALKER, Alice. **In search of our mothers' gardens: womanist prose**. [E-book] London: Weidenfeld & Nicholson, 2011.

**Data de submissão 28/05/2025**  
**Data de aceite: 02/09/2025**